

# Atramentis Vivas

Volume 1, Número 6, NOV 2025



## **DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)**

**Corpo Editorial:** Sarah Venturim Lasso  
Imagen de capa por ChatGPT

**Periodicidade:** Bimestral com temática sazonal

**Tipo:** Online  
**Ano:** 2025  
**Semestre:** 2  
**Mês:** 11/2025  
**ISSN** 3085-9336

**Endereço corporativo:** Avenida Antonia Gil Veloso, Bairro Praia da Costa, cidade Vila Velha, Estado do Espírito Santo, CEP: 29.101-011

**Nível de Conteúdo:** Divulgação  
**Idioma do Texto:** Português

**URL:** <https://atramentisvivas.com>

**Assunto Principal (Área do conhecimento):** Literatura: Ficção curta, poesia, e ensaios literários.

**Título da publicação:** Atramentis Vivas – Revista digital literária e cultural



# Nota da editora

Novembro sempre chega como quem não pede licença. Ele invade lentamente e ao mesmo tempo depressa demais. É um mês que escorre. Um mês que nos atravessa. Um mês em que o tempo perde consistência e se espalha em todas as direções. Ao final do dia sentimos que vivemos muito e não vivemos o suficiente. As horas parecem água nas mãos.

Esta edição nasceu dessa sensação. Queríamos entender o que acontece quando o tempo se torna líquido e como essa liquidez toca a vida, a arte, a literatura e a cultura. Há algo profundamente humano em tentar segurar o instante, mesmo sabendo que ele escapa. Há algo silenciosamente belo em aceitar que o tempo não se curva ao nosso ritmo, ele inventa o próprio caminho.

Investigamos artistas que trabalham com duração e fluidez. Observamos cidades que vibram em velocidades desalinhadas. Escutamos psicólogos que descrevem o tempo subjetivo como matéria delicada. Conversamos com criadores da moda que tratam tecidos como memória. Exploramos arquiteturas que moldam o minuto e revelam a importância de caminhar devagar. Em todas essas frentes, encontramos o mesmo gesto. O desejo de compreender as horas que se derramam, de acolher o que passa rápido demais, de respirar dentro das transições.

Novembro não é fim. Também não é começo. É um entre. Um território borrado onde revisamos o ano, organizamos afetos, abandonamos o que pesa e tentamos encontrar leveza no que permanece. Esta revista é um convite para habitar esse intervalo. Para sentir o tempo em suas bordas. Para compreender o derramamento não como perda, mas como forma de transformação.

Que estas páginas acompanhem você com delicadeza. Que ofereçam respiro. Que permitam que, por um instante, as horas desacelerem dentro do seu corpo. E que este novembro, com toda sua fluidez, encontre espaço para se tornar menos urgente e mais vivo.

Boa leitura  
A Editora



# EDITORIAL

Novembro tem um modo próprio de tocar o corpo. Ele carrega a pressa acumulada de todos os meses anteriores e ao mesmo tempo traz uma espécie de calma que não sabemos explicar. É como se o tempo decidisse se estender em algumas manhãs e se contrair em algumas tardes. Nada permanece estável. As horas se movem com um ritmo que não controlamos. Elas se derramam em nossos gestos, em nossas escolhas, em nossas esperas.

O fim do ano nos obriga a olhar para trás e para frente ao mesmo tempo. Essa dupla direção cria uma espécie de desalinho interno. Tentamos terminar o que ficou incompleto. Tentamos começar o que ainda não sabemos nomear. O calendário se torna uma superfície inclinada e escorregamos sobre ela com delicadeza e cansaço.

A cultura registra esse fenômeno de muitos modos. Artistas trabalham com o fluxo do tempo como se ele fosse tinta líquida. Escritores tentam capturar instantes que escapam das frases. Cidades se transformam em coreografias apressadas. A moda conversa com o desgaste e transforma o uso em memória. A arquitetura nos ensina a pausar. A psicologia nos lembra que o tempo também se dobra dentro de cada pessoa.

# EDITORIAL

Nesta edição reunimos essas camadas. Queremos observar o que acontece quando o instante não se sustenta e se espalha pelo mundo. Queremos sentir o movimento das horas como quem mergulha em água morna. Queremos acompanhar o derramamento sem medo de manchar as páginas.

Se novembro é um rio, que esta revista seja o barco que navega sem pressa. Que ela permita recuperar ritmos, atravessar semanas densas, reconhecer o que vibra no fim do ano. Que ela convide a viver o tempo não como inimigo, mas como matéria maleável. O tempo escorre. Ainda assim, seguimos encontrando caminhos dentro dele.

# As horas derramadas, o tempo que não cabe no calendário

Há momentos em que o tempo deixa de ser linha e se torna líquido.

Ele não avança em sequência. Ele escorre. Em novembro essa sensação se intensifica. Os dias parecem mais curtos. As noites carregam uma densidade estranha. Tudo acontece rápido demais e, ao mesmo tempo, parece já ter acontecido. As horas se derramam sobre o corpo como um café quente que transborda da xícara.

A ideia de tempo sempre foi uma construção cultural. Relógios, calendários e agendas tentam conter algo que, por natureza, resiste a limites. A literatura percebeu isso cedo. Muitos escritores abandonaram a linearidade para capturar o instante quebrado, a memória fragmentada, o agora que se dissolve. O tempo narrativo não obedece ao ponteiro. Ele segue o pulso interno das personagens. Ele avança e recua conforme a emoção.

Na arte contemporânea o tempo deixou de ser apenas tema. Tornou-se matéria. Instalações se transformam lentamente. Performances duram horas, dias ou meses. Obras aceitam o desgaste como parte do processo. O tempo age sobre elas como age sobre os corpos.

Ele marca, altera, transforma. O derramamento se torna visível. As cidades também revelam essa fluidez. Em novembro os espaços urbanos aceleram. As ruas se enchem. As vitrines mudam. Os corpos caminham com urgência. Há uma coreografia coletiva em movimento. O tempo urbano não é o mesmo tempo doméstico. Ele se fragmenta em deslocamentos, sinais, encontros rápidos. Tudo acontece em camadas sobrepostas.

# As horas derramadas, o tempo que não cabe no calendário

No ambiente digital essa sensação se intensifica ainda mais. Um ano pode caber em alguns segundos de rolagem. Memórias surgem e desaparecem. O passado reaparece como notificação. O presente se dissolve em repetição. O tempo deixa de ser vivido e passa a ser consumido. As horas se tornam fragmentos soltos, difíceis de reunir.

O corpo, no entanto, não acompanha essa velocidade sem consequências. A psicologia observa um aumento na sensação de falta de tempo mesmo quando o relógio indica o contrário. Dormimos menos. Esperamos mais. Sentimos cansaço antes do fim do dia. O tempo interno entra em conflito com o tempo externo. O derramamento se transforma em exaustão.

Apesar disso, existe algo profundamente humano em aceitar que o tempo escorre. Nem tudo precisa ser contido. Nem tudo precisa ser concluído. Algumas horas existem apenas para passar. A cultura nos ensina que a beleza também mora no que não se fixa. No que escapa. No que se perde no caminho.

Esta edição convida o leitor a observar o tempo sem tentar segurá-lo. A sentir o fluxo. A reconhecer que o derramamento não é falha, mas condição. As horas se espalham. Ainda assim, seguimos vivos dentro delas. E talvez seja justamente nesse movimento que aprendemos a existir com mais delicadeza.



# CURADORIA DA MATRONA

---

Uma iniciativa de Atramentis Vivas.

A cada seis meses, uma artista é escolhida.

Não por algoritmos. Não por concursos. Mas por olho, alma e intenção.

Ela é acolhida sob o manto da Matrona.

Recebe um apoio financeiro de R\$2.000 – gesto concreto de confiança e incentivo.

Recebe também espaço: uma publicação especial na revista, com entrevista, obras e voz.

Recebe visibilidade: será apresentada em nossas redes, com carinho e constância.

Recebe presença: uma conversa curatorial, um olhar, uma escuta.

Recebe tempo.

A Curadoria da Matrona é um ato de sustento artístico.

Não se propõe a resolver, mas a nutrir.

Apostamos em artistas que estão em meio à travessia — com talento, desejo e coragem.

Não há inscrições. A escolha é íntima, orgânica, viva.

O critério é o encantamento.

A procura está aberta!

# O tempo líquido na arte contemporânea

A arte sempre foi uma tentativa de dialogar com o tempo. Pinturas buscavam eternidade. Esculturas queriam resistir ao desgaste. Livros desejavam atravessar séculos. Mas, nas últimas décadas, muitos artistas passaram a abandonar a ideia de permanência. Em vez de conter o tempo, decidiram deixá-lo agir. O tempo deixou de ser inimigo e passou a ser colaborador.

Na arte contemporânea o tempo não é apenas representado. Ele acontece dentro da obra. Instalações se transformam lentamente diante do olhar do público. Materiais oxidam, derretem, se deslocam. A obra nunca é a mesma de um dia para o outro. O artista não entrega um objeto fixo, mas um processo em curso. O tempo se derrama sobre a criação.

Performances aprofundam essa relação. Algumas duram horas. Outras se estendem por semanas ou meses. O corpo do artista se torna relógio. O cansaço, a repetição e a espera fazem parte do trabalho. O público não assiste a um resultado. Ele testemunha uma duração. O tempo deixa de ser medido e passa a ser sentido.

# O tempo líquido na arte contemporânea

Há também artistas que trabalham com o desaparecimento. Obras feitas para sumir. Desenhos apagados pelo vento. Esculturas de gelo. Intervenções que existem apenas por instantes. O registro se torna memória secundária. O essencial é o acontecimento. O tempo não é documentado. Ele é vivido.

Essa estética do fluxo dialoga diretamente com a sensação contemporânea de instabilidade. Em um mundo que muda rápido demais, a arte reflete o que sentimos. Nada permanece sólido por muito tempo. Tudo escorre. Tudo se transforma. Ao aceitar essa condição, o artista cria espaço para uma nova sensibilidade. Uma sensibilidade que não exige controle absoluto.

O uso de materiais orgânicos intensifica essa percepção. Terra, água, tecido, cera, papel. Elementos que reagem ao ambiente e carregam o tempo em sua própria estrutura. A obra envelhece. O desgaste se torna linguagem. O erro se transforma em camada estética. O tempo deixa marcas visíveis.

# O tempo líquido na arte contemporânea

Essas práticas desafiam o olhar acostumado à rapidez. Elas pedem permanência. Pedem atenção prolongada. Pedem que o espectador desacelere. Em vez de consumir imagens, é preciso acompanhar processos. O tempo da obra não se adapta ao tempo do mercado.

Ele segue outro ritmo. Um ritmo que escorre com calma. Ao trabalhar com o tempo líquido, a arte contemporânea nos oferece um espelho. Ela revela a fragilidade das tentativas de fixar o instante. Mostra que o derramamento não é falha. É condição. É movimento natural. Ao aceitar isso, talvez possamos aprender a existir com menos rigidez. A arte nos ensina que viver também é permitir que o tempo passe por nós sem pedir desculpas.

# A cidade que escorre, ritmos urbanos e a sensação de urgência

As cidades têm um tempo próprio. Ele não segue relógios domésticos nem respeita o cansaço individual. O tempo urbano pulsa em semáforos, filas, deslocamentos e anúncios luminosos. Em novembro esse ritmo se intensifica. As ruas parecem mais cheias. Os passos se aceleram. O ar carrega uma pressa coletiva difícil de nomear.

Caminhar pela cidade nesse período é perceber o tempo em movimento constante. Pessoas atravessam avenidas como se estivessem sempre chegando atrasadas. Vitrines mudam rapidamente. Sons se sobrepõem. O espaço urbano se transforma em correnteza. Quem tenta resistir sente o peso da urgência. Quem acompanha se perde no fluxo.

A arquitetura das cidades modernas contribui para essa sensação. Ruas largas que priorizam o deslocamento rápido. Estações que empurram corpos para frente. Escadas rolantes que eliminam a pausa. Tudo é desenhado para que o tempo não estacione. A cidade não convida à permanência. Ela convida à passagem.

Em novembro essa lógica se torna ainda mais visível. O fim do ano se aproxima e a cidade reage. Há metas a cumprir. Há compras a fazer. Há encontros a marcar. O espaço urbano se torna palco de encerramentos. Cada esquina parece conter uma lista invisível de tarefas. O tempo escorre pelas calçadas.

# A cidade que escorre, ritmos urbanos e a sensação de urgência

Mesmo assim, existem brechas. Bancos de praça que ainda permitem sentar sem destino. Cafés onde o relógio perde força.

Janelas que filtram o ruído e criam pequenas ilhas de lentidão. Esses lugares resistem ao derramamento acelerado. Eles oferecem refúgio. Não interrompem o fluxo, mas o suavizam.

A cidade também guarda memórias temporais. Prédios antigos convivem com estruturas recém construídas. Camadas de décadas se sobrepõem no mesmo quarteirão. O passado e o presente caminham juntos. O tempo urbano não é linear. Ele é estratificado.

Cada rua carrega mais de uma época.

Essa sobreposição cria uma sensação curiosa. Estamos sempre vivendo em vários tempos ao mesmo tempo. A pressa do agora convive com a lentidão do que ficou. Em novembro essa percepção se intensifica. O ano todo parece caber em poucos dias. A cidade absorve esse acúmulo e o devolve como movimento incessante. Observar a cidade nesse ritmo é entender que o tempo não apenas passa por ela. Ele a atravessa. Ele molda gestos, decisões, encontros e ausências. A cidade escorre porque o tempo escorre. E nós, dentro dela, aprendemos a existir em meio a esse derramamento coletivo.

# O tempo digital, o ano que passa em um feed

Nunca o tempo pareceu tão comprimido. No ambiente digital, semanas cabem em segundos. Um ano inteiro pode ser revisto em poucos gestos de rolagem. Memórias aparecem sem aviso. Imagens do passado surgem como se fossem presentes. O tempo perde profundidade e se torna superfície lisa, fácil de deslizar. As redes sociais reorganizam nossa relação com a duração. Não há começo, meio ou fim. Há fluxo contínuo. Cada conteúdo empurra o anterior para baixo, criando a sensação de que tudo acontece ao mesmo tempo. O agora se estende indefinidamente, enquanto o ontem retorna como lembrança editada. O tempo não passa. Ele se repete.

Essa dinâmica altera a forma como percebemos o ano. Em novembro, quando o calendário pede fechamento, o ambiente digital oferece expansão infinita. Não há conclusão possível. Sempre existe mais um vídeo, mais uma imagem, mais um fragmento de vida alheia. O tempo se derrama sem pausa. A sensação de atraso se instala mesmo quando estamos parados.

A lógica do feed transforma o instante em mercadoria. Cada segundo precisa ser preenchido. O silêncio parece falha. A pausa parece abandono. Somos estimulados a ocupar todas as frestas do dia com estímulos visuais e sonoros. O tempo deixa de ser vivido e passa a ser consumido. As horas se tornam descartáveis.

# O tempo digital, o ano que passa em um feed

Ao mesmo tempo, o digital cria uma estranha forma de permanência. Tudo fica registrado. Conversas, fotos, versões antigas de nós mesmos. O passado não se dissolve. Ele retorna. Essa sobreposição cria confusão temporal. Quem fomos invade quem somos. O futuro se mistura com lembranças que não pedimos para rever.

A psicologia observa que essa convivência constante com múltiplos tempos gera fadiga. O cérebro não encontra intervalos claros. Não há bordas entre trabalho e descanso, entre presença e ausência. O tempo interno entra em conflito com o ritmo imposto pela tela. O resultado é uma sensação persistente de esgotamento.

Mesmo assim, o ambiente digital também oferece possibilidades de resistência. Desligar notificações. Criar rituais de saída. Usar o tempo online de forma mais consciente. Pequenos gestos que devolvem contorno às horas. O tempo não precisa desaparecer dentro da tela. Ele pode ser reorganizado.

Em novembro, talvez o desafio seja esse. Reconhecer que o tempo digital não obedece ao calendário, mas que ainda podemos escolher como habitá-lo. O feed escorre. As horas se derramam. Ainda assim, existe a chance de recolher alguns instantes e devolvê-los à vida concreta.

# Tecidos que lembram o tempo

A moda sempre lidou com o instante. Ela nasce situada em um momento específico e carrega, desde o início, a consciência de que vai passar. Tendências surgem e desaparecem. Coleções envelhecem rapidamente. Em novembro, quando o ano parece escorrer com mais intensidade, essa relação entre moda e tempo se torna ainda mais evidente.

Nos últimos anos, muitos criadores passaram a tratar o tempo não apenas como contexto, mas como matéria de criação. Tecidos que mudam com o uso. Superfícies que amassam, desbotam, cedem. Peças pensadas para registrar o corpo que as habita. A roupa deixa de ser estática. Ela se transforma junto com quem a veste. O tempo se imprime na fibra.

Essa abordagem rompe com a ideia de perfeição permanente. Marcas, vincos e desgastes passam a ser valorizados. Cada dobra conta uma história. Cada alteração revela um gesto cotidiano. A roupa se torna memória portátil. Um arquivo sensível das horas vividas. Vestir deixa de ser apenas aparência e passa a ser narrativa.

O ritmo acelerado da indústria também começa a ser questionado. Em resposta ao excesso de lançamentos, cresce o interesse por peças atemporais. Roupas que atravessam estações. Modelagens que não obedecem a calendários rígidos. A lentidão surge como escolha estética e ética. Permanecer se torna um gesto político.

# Tecidos que lembram o tempo

Visualmente, essa moda dialoga com o derramamento do tempo. Tecidos fluidos, caimentos soltos, camadas que se sobrepõem. As silhuetas parecem em movimento mesmo quando o corpo está parado. Há uma recusa à rigidez. A forma aceita o fluxo. O tecido acompanha o gesto, não o contrário.

Em novembro, esse imaginário ganha força. As roupas refletem transição. Não são totalmente leves, nem totalmente densas. Elas habitam o entre. Assim como o mês, carregam vestígios do que passou e antecipações do que ainda não chegou. Vestir se torna uma forma de atravessar o tempo com mais consciência.

A moda, quando observa o tempo com cuidado, deixa de correr atrás dele. Ela aprende a caminhar junto. E nesse caminhar, descobre que algumas horas não precisam ser aceleradas. Elas podem simplesmente se derramar, deixando marcas suaves sobre o corpo.

# HAIKU

Café transborda  
o relógio esquece o pulso  
novembro escorre

# Arquiteturas que deixam o tempo escorrer

A arquitetura é uma das poucas artes que não pode ignorar o tempo. Ela nasce já destinada ao desgaste. A luz muda ao longo do dia. As superfícies envelhecem. O uso cotidiano deixa marcas invisíveis que, com o passar dos anos, se tornam evidentes. Todo edifício é atravessado pelas horas, mesmo quando tenta escondê-las.

Em novembro, quando o tempo parece escorrer com mais rapidez, a arquitetura revela seu papel silencioso. Ela organiza o ritmo dos dias. Define pausas. Acelera ou desacelera movimentos. Um corredor estreito encurta o tempo. Um átrio amplo o alonga. O espaço molda a percepção da duração sem que percebemos.

Alguns arquitetos escolhem trabalhar em diálogo direto com esse fluxo. Projetam edifícios que aceitam o envelhecimento como parte da obra. Materiais que ganham patina. Concretos que absorvem a passagem dos anos. Madeiras que escurecem. Nessas construções o tempo não é inimigo. É colaborador. Cada estação acrescenta uma camada.

Outros projetos exploram a ideia de percurso como experiência temporal. Caminhar se torna parte essencial da arquitetura. Rampas longas, escadas que obrigam o corpo a mudar de ritmo, passagens que revelam a luz aos poucos. O espaço cria uma narrativa. Não se chega rapidamente. É preciso atravessar.

Em cidades aceleradas, edifícios que oferecem lentidão se tornam refúgios. Bibliotecas silenciosas. Pátios internos protegidos do ruído.

Janelas profundas que filtram o mundo exterior. Esses espaços acolhem o derramamento das horas sem tentar contê-lo. Eles permitem que o tempo se espalhe com suavidade.

# Arquiteturas que deixam o tempo escorrer

Há também arquiteturas que evidenciam a pressa contemporânea.

Estações, centros comerciais, torres corporativas. Lugares de passagem constante. Neles o tempo não repousa. Ele escorre continuamente. A arquitetura não tenta interromper o fluxo. Apenas o organiza. Mesmo nesses espaços, o corpo sente o impacto da velocidade.

A relação entre arquitetura e tempo se torna ainda mais visível quando pensamos em memória. Edifícios guardam histórias que não aparecem em plantas ou maquetes. Eles acumulam vidas, gestos, silêncios. Cada parede carrega mais tempo do que conseguimos medir. O passado não desaparece. Ele permanece incorporado.

Arquitetar, no fim, é aceitar que o tempo nunca será totalmente controlado. É criar estruturas que sustentem a passagem das horas sem endurecer a experiência humana. Em novembro, talvez mais do que em outros meses, percebemos isso com clareza. O tempo escorre. A arquitetura observa. E, quando bem pensada, oferece abrigo para esse derramamento inevitável.

# Quando o tempo escorre por dentro

O tempo não é apenas uma medida externa. Ele é uma experiência íntima. Cada pessoa carrega um relógio interno que não segue exatamente o ritmo do mundo. Em novembro, esse descompasso se intensifica. O corpo sente a aproximação do fim do ano antes mesmo de o calendário indicar. Surge a sensação de que as horas passam rápido demais e, ao mesmo tempo, pesam mais.

A psicologia observa que a percepção do tempo está profundamente ligada ao estado emocional. Quando estamos ansiosos, o futuro se aproxima rápido demais. Quando estamos exaustos, o presente se alonga de forma desconfortável. Em períodos de transição, como novembro, o cérebro entra em modo de avaliação. Revisamos decisões, expectativas e ausências. O tempo interno se fragmenta.

Esse fenômeno é intensificado pela vida contemporânea. A constante exposição a estímulos, prazos e comparações cria a sensação de que nunca há tempo suficiente. Mesmo nos momentos de descanso, o corpo permanece em alerta. As horas não descansam. Elas escorrem por dentro, deixando um rastro de cansaço difícil de nomear.

Há também um componente afetivo nesse derramamento. Novembro costuma trazer memórias acumuladas. Datas que retornam. Projetos que não se concluíram. Desejos que ficaram suspensos. O tempo psicológico não obedece ao calendário. Ele revisita o passado enquanto tenta se preparar para o futuro. O presente se torna um espaço estreito.

# Quando o tempo escorre por dentro

Pesquisas indicam que a falta de pausas reais intensifica essa sensação. Pequenos intervalos conscientes ajudam a reorganizar o tempo interno. Não se trata de produzir mais. Trata-se de permitir que o corpo registre o agora. Respirar com atenção. Caminhar sem destino. Criar rituais simples que devolvam contorno às horas. A psicologia também aponta que aceitar a fluidez do tempo pode ser mais saudável do que tentar controlá-lo. Algumas horas precisam escorrer. Nem tudo se fecha. Nem tudo se resolve. O esforço constante para dar conta de tudo cria mais tensão do que alívio. Aprender a existir dentro do inacabado é parte do cuidado. Em novembro, talvez o gesto mais generoso seja reconhecer esse derramamento interno. Perceber que o cansaço não é falha pessoal. É resposta a um mundo acelerado. Quando aceitamos essa condição, o tempo deixa de ser inimigo. Ele se torna companhia. As horas continuam passando, mas passam com menos peso.

# ENSAIO

## Aprender a viver no que escorre

Durante muito tempo acreditamos que viver bem era dominar o tempo. Organizar agendas, cumprir etapas, planejar o futuro. O relógio se tornou símbolo de controle e eficiência. No entanto, algo começou a falhar nesse pacto silencioso. Quanto mais tentamos segurar as horas, mais elas escorrem. O tempo deixou de obedecer e passou a vazrar pelas frestas da vida cotidiana.

A literatura sempre desconfiou dessa promessa de controle. Muitos romances recusam a cronologia rígida. Preferem a memória, o fluxo de consciência, o instante que retorna sem aviso. Nessas narrativas o tempo não avança. Ele circula. Ele se dobra. Ele reaparece. A experiência humana se organiza mais por sensações do que por datas. Ler é aprender a existir fora do relógio.

Na arte contemporânea essa recusa ganha forma visível. Obras que se transformam lentamente. Performances que se estendem além do conforto. Materiais que aceitam o desgaste. O tempo deixa de ser moldura e se torna conteúdo. A arte não tenta preservar o instante. Ela aceita a perda como parte do processo. O derramamento não é acidente. É método.

O corpo sente essa mudança antes da consciência. Insônia, fadiga, ansiedade. Sintomas de um tempo vivido em excesso. A mente corre. O corpo pede pausa. Existe um descompasso constante entre o ritmo externo e a capacidade interna de acompanhar. As horas não apenas passam. Elas pressionam. Elas exigem resposta imediata. O silêncio se torna raro.

# ENSAIO

## Aprender a viver no que escorre

As redes sociais amplificam esse conflito. O tempo se fragmenta em pequenos blocos. Tudo acontece ao mesmo tempo. O passado retorna editado. O futuro aparece como expectativa. O presente quase não existe. Rolamos para tentar alcançar algo que nunca se estabiliza. O gesto se repete. O cansaço se acumula. As horas se dissolvem.

Talvez por isso o desejo de lentidão tenha se tornado tão forte. Não como fuga, mas como necessidade. A busca por rituais simples. Caminhar sem destino. Preparar um café sem pressa. Sentar em silêncio. Pequenos gestos que devolvem densidade ao agora. O tempo não para. Mas se torna habitável.

Aprender a viver no que escorre é aceitar que nem tudo precisa ser contido. Que o ano não se fecha perfeitamente. Que algumas respostas não chegam. Que algumas horas existem apenas para passar. Existe beleza nisso. Existe humanidade nisso. O tempo derramado não é desperdício. É experiência.

Este ensaio não propõe soluções. Ele propõe escuta. Escutar o corpo. Escutar o ritmo interno. Escutar o que pede pausa. Em novembro, quando o mundo acelera, talvez o gesto mais radical seja simplesmente permanecer. Deixar que as horas passem sem tentar segurá-las. E descobrir, nesse fluxo, novas formas de estar vivo.

# CONTO

## A xícara nunca vazia

Todos os dias, às seis da tarde, ela preparava café. Não era hábito recente. Era um gesto antigo, repetido sem muita reflexão, como quem marca o tempo sem relógio. A água fervia. O pó escurecia. O aroma preenchia a cozinha pequena. Tudo acontecia com precisão.

Até o dia em que o café transbordou.

Ela não se distraiu. Não estava cansada. Apenas percebeu tarde demais que a xícara já estava cheia. O líquido escorreu pela borda e desenhou um caminho irregular sobre a mesa. Em vez de limpar imediatamente, ela observou. O café avançava lento, criando formas que lembravam mapas antigos. Ali havia um continente. Aqui um rio.

O tempo parecia acompanhar o movimento.

Desde então, algo mudou. O café passou a transbordar todos os dias. Não importava o cuidado. Não importava a atenção. A xícara nunca parecia suficiente. O líquido sempre encontrava um modo de escapar. Ela trocou a xícara. Usou canecas maiores. Tentou medir com precisão. Nada funcionou.

Com o passar das semanas, percebeu que o transbordamento não se limitava ao café. Os dias começaram a escorrer do mesmo jeito. Horas que desapareciam sem aviso. Tarefas que não se concluíam. Pensamentos que surgiam no meio da noite e não se organizavam.

O tempo se comportava como o líquido escuro. Sempre demais. Sempre além da borda.

# CONTO

## A xícara nunca vazia

Ela tentou resistir. Criou listas. Ajustou alarmes. Comprou uma agenda nova. Nenhum método conteve o fluxo. O ano avançava com a mesma insistência do café quente. Novembro chegou sem cerimônia. Trouxe consigo uma luz mais baixa e uma pressa difícil de explicar.

Certa tarde, ela decidiu não lutar. Preparou o café como sempre. Colocou a xícara no centro da mesa. Quando o líquido transbordou, não se moveu. Deixou que escorresse. Deixou que manchasse a madeira. Deixou que esfriasse no seu próprio ritmo. Sentou-se e respirou.

Algo se acalmou naquele instante. Não o mundo. Não o calendário. Mas ela. Pela primeira vez, o transbordamento não parecia falha. Parecia linguagem. O café derramado não exigia correção. Ele apenas acontecia.

Ela passou a viver assim. Permitindo pequenos vazamentos. Aceitando atrasos. Deixando tarefas inacabadas quando o corpo pedia pausa. O tempo continuava escorrendo. Mas agora escoria sem violência.

Todos os dias, às seis da tarde, ela ainda prepara café. A xícara continua transbordando. A mesa carrega marcas escuras que não saem. Ela não se incomoda. Aprendeu que algumas coisas não foram feitas para caber. Foram feitas para passar.

# CONTO

## A xícara nunca vazia

Ela tentou resistir. Criou listas. Ajustou alarmes. Comprou uma agenda nova. Nenhum método conteve o fluxo. O ano avançava com a mesma insistência do café quente. Novembro chegou sem cerimônia. Trouxe consigo uma luz mais baixa e uma pressa difícil de explicar.

Certa tarde, ela decidiu não lutar. Preparou o café como sempre. Colocou a xícara no centro da mesa. Quando o líquido transbordou, não se moveu. Deixou que escorresse. Deixou que manchasse a madeira. Deixou que esfriasse no seu próprio ritmo. Sentou-se e respirou.

Algo se acalmou naquele instante. Não o mundo. Não o calendário. Mas ela. Pela primeira vez, o transbordamento não parecia falha. Parecia linguagem. O café derramado não exigia correção. Ele apenas acontecia.

Ela passou a viver assim. Permitindo pequenos vazamentos. Aceitando atrasos. Deixando tarefas inacabadas quando o corpo pedia pausa. O tempo continuava escorrendo. Mas agora escoria sem violência.

Todos os dias, às seis da tarde, ela ainda prepara café. A xícara continua transbordando. A mesa carrega marcas escuras que não saem. Ela não se incomoda. Aprendeu que algumas coisas não foram feitas para caber. Foram feitas para passar.

# Encerramento

Chegamos ao fim desta edição como quem chega à beira de algo que ainda se move. As páginas se encerram, mas o tempo não. Ele continua escorrendo para além da última linha, atravessando o leitor, atravessando o mês, atravessando o ano que se inclina para o fim. Ao longo desta revista, observamos o tempo se derramar em muitas formas. Na arte que se transforma. Na cidade que acelera. Na tela que comprime instantes. Na roupa que guarda marcas. Nos edifícios que envelhecem. No corpo que sente antes de compreender. Em cada uma dessas experiências, o tempo se mostrou menos como medida e mais como matéria viva.

Novembro não nos oferece conclusões fáceis. Ele não fecha portas com firmeza. Ele deixa frestas. Permite balanços imprecisos. Aceita o que não foi resolvido. Talvez por isso seja um mês tão intenso. Ele carrega o peso do que passou e a leveza incerta do que ainda não começou.

Esta edição não tentou conter as horas. Preferiu acompanhá-las. Preferiu aceitar o derramamento como linguagem e não como erro. Ao fazer isso, descobrimos que o tempo não precisa ser domado para ser vivido. Ele pode ser atravessado com atenção. Pode ser acolhido com gentileza. Pode ser sentido sem pressa.

Encerrar esta revista é também abrir espaço. Espaço para pausas. Espaço para respirações mais longas. Espaço para um fim de ano menos rígido e mais humano. Que você leve consigo algumas horas derramadas. Que elas não pesem. Que elas não cobrem. Que elas apenas existam.

Nos despedimos deste ano editorial assim. Com uma xícara ainda quente sobre a mesa. Com marcas que não se apagam. Com a certeza de que viver não é conter o tempo, mas aprender a estar dentro dele enquanto ele passa.

